



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 24.5.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões do Gabinete da Reitoria

Entrevistado: Anchieta Jácome

Responsável pela transcrição: Edilson Pedro Araújo da Silva (bolsista)

Carlos Gomes: Então vamos dar início e vamos respeitar a ordem que eu recebi e vamos respeitar a ordem que tem como primeiro Anchieta Jácome, certo? O que nós pleiteamos aqui, e a finalidade da nossa Comissão é examinar eventuais e possíveis violações aos direitos humanos no âmbito da Universidade. Isso não impede que se vocês tiverem algum fato interessante, mesmo fora do âmbito desta Universidade e queiram registrar, o façam, que eu levarei aquilo que pra nós não tiver maior interesse à Comissão da Verdade da OAB. Que às vezes há um fato interessante que vale a pena... Então, Anchieta Jácome...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ô, Carlos...

Carlos Gomes: Pois não...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu gostaria de mais uma vez pedir a palavra aqui pra um “registro afetivo”.

Carlos Gomes: Pois não, pois não...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Antes de entrar na... no depoimento objetivo... a gente vai ficando velho, Você sabe disso, né? Cada vez mais a gente tem esses “registros afetivos”. E hoje duplamente, né? Eu tenho de fazer os dois “registros afetivos”, né? Eu tenho o prazer aqui de ouvir o depoimento de dois grandes amigos. Alfredo tem... Qual é a sua idade mesmo?

Antônio Alfredo Santiago: 37...

[Risos]

Carlos Gomes: Ah, muito bem! Eu sou um pouco mais velho que você uns dois anos.

[Risos]

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu calculo aí que tenha quase sessenta anos que eu o conheci, mas ele era... Você é o caçula, né?

Antônio Alfredo Santiago: Ainda tem dois abaixo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu conheci, eu já rapaz e ele garotinho, fomos vizinhos, mas e aí eu acompanhei toda a trajetória dele exatamente, desde “os tempos em que lá vai se vão” e sou testemunha da qualificação dele aqui, primeiro como estudante, como professor da Universidade e toda certeza o seu depoimento vai ser muito bom. E em segundo lugar, Anchieta que eu conheço há menos tempo, mas já se vão lá mais um vinte e tantos, trinta anos. E também acompanhei a sua vida, mas confesso que não sabia do episódio que o trouxe aqui, né? Eu não sabia. Apesar de ter sido um episódio constrangedor pra ele, mas pra mim foi uma satisfação saber que ele teve esse “galardão” de ser perseguido [risos] pelo regime militar e estar aqui. Então sejam bem-vindos os dois, é um prazer muito grande estar aqui junto com vocês.

Anchieta Jácome: Presidente, já que eu fui citado, eu gostaria de... Eu... Eu agradeço muito as generosas palavras, doutor Ivis Bezerra, porque além do fato das nossas famílias terem sido amigas muito próximas, Coronel Severino, meu pai Francisco Simões, eu também tive o prazer e tenho o prazer de privar da amizade de Ivis Bezerra. Ivis Bezerra foi um combatente muito bem antes que eu, antes do golpe de 64, e é desnecessário dizer, salientar sobre a qualificação do doutor Ivis, a importância do doutor Ivis na consolidação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio

Grande do Norte, mais do que isso, na consolidação e nos avanços da Maternidade Escola Januário Cicco. Portanto, um dos professores mais gabaritados aqui da nossa Universidade. Sem se falar que, como eu, é um grande simétrico. Então, muito obrigado pelas suas palavras.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Muito obrigado também. Eu posso repetir como Cascudo: “é mentira, mas é gostoso”.

[Risos]

Carlos Gomes: Professor Spinelli, alguma informação a dar?

José Antônio Spinelli: Não, nenhuma informação nova. Eu havia sugerido o nome do ilustre colega e amigo Antônio Alfredo Santiago Nunes, que eu conheço desde o início da década de 70, tivemos experiências profissionais incomuns no Departamento de Ciências Sociais, onde ele foi meu chefe de departamento, anteriormente na Faculdade de Sociologia e Política, onde ele foi meu professor, mas era um professor quase da idade do aluno. Aluno muito jovem e professor também. Fomos contemporâneos também no mestrado de Sociologia, né? Realmente tem muitas qualidades, uma figura humana realmente extraordinária e teve experiências políticas relevantes no período... [inaudível].

Anchieta Jácome: Presidente, pelo que eu to vendo, o menino daqui sou eu, viu?

Carlos Gomes: [Risos]

Anchieta Jácome: Pelas idades aí, pelas datas. [Inaudível]. Pois bem, senhores membros, eu me sinto muito bem, muito bem mesmo em estar aqui agora, pra relatar, pra contribuir com essa Comissão. Pois é uma Comissão [inaudível] que junta as outras, faz um trabalho a nível nacional, que é muito importante. Eu tive, no meu período de estudante, participado, tive participação no movimento estudantil.

Carlos Gomes: Se você quiser falar da sua participação de estudante, mesmo no período antes da Universidade, pode falar.

Anchieta Jácome: Isso aí eu vou falar antes da Universidade.

Carlos Gomes: ‘Tá’ certo.

Anchieta Jácome: Eu fui eleito presidente do Diretório Padre Miguelinho, aí foi onde começou o meu dia a dia no movimento estudantil. E dentro desse movimento estudantil foi crescendo aquela necessidade, aquela vontade de participar mais ativamente do movimento como um todo. Ou seja, da política estudantil, da política partidária. E começou a abrir aquele horizonte pra participar mais radicalmente do movimento que começava a se instalar. Fui, em seguida, aprovado pra Faculdade de Educação. No primeiro ano da Faculdade de Educação eu fui procurado pelo amigo Alberto Furtado pra ser candidato a vereador em Natal porque o MDB na época estava precisando de pessoas para completar a sua chapa, eu fui candidato a vereador.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Anchieta, agora eu repeti aqui a pergunta. Agora eu tenho que datar mesmo pra ter uma ideia... Isso é em 1966? Acho que a eleição foi...

Anchieta Jácome: [Inaudível] 72, eu acho. Pra deputado.

[Inaudível]

Carlos Gomes: Foi em 68.

Anchieta Jácome: 68.

Carlos Gomes: Você já era universitário nessa época? Ingressou na faculdade, você tem ideia em que ano foi? Na Faculdade de Educação.

Anchieta Jácome: 67, 68... Eu acho, 67.

Carlos Gomes: Mas e a parte do Movimento Estudantil...

Anchieta Jácome: No Diretório Estudantil Padre Miguelinho eu já tava na faculdade.

Carlos Gomes: Na Universidade, na Universidade...

Anchieta Jácome: Aí eu fui candidato a vereador e lancei manifesto aos estudantes na época.

[Comentários inaudíveis. Anchieta Jácome fala sobre ter trazido os óculos errados]

Anchieta Jácome: Então eu lancei esse manifesto aos estudantes na época [novo comentário sobre os óculos]. Então eu fiz esse manifesto aos estudantes na época. Tudo

tirado do programa do MDB. Acompanhado do deputado Alberto Furtado que era governante do partido, presidente do partido... Tirado tudo, tudo, tudo que eu disse aqui desse programa do MDB. Tudo tirado do livrinho do MDB... Então eu comecei a distribuir esse manifesto às sete e meia da manhã, mais ou menos. Às oito e meia já estava sendo chamado na diretoria que o coordenador queria falar comigo. Quando cheguei lá, ele disse: “Tenho um telefonema aqui que, pela voz, não vai ser muito bom pra você. Acabou de ligar Genário Fonseca. Ele quer você no gabinete dele agora!”. Eu disse: “Muito bem, eu vou distribuir meu manifesto e vou”. Ele disse: “Vá agora senão ele manda lhe buscar com a polícia!”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ele era reitor? E já foi isso no âmbito da Universidade?

Anchieta Jácome: Na Universidade. Eu fui. Quando eu cheguei lá, ele tava ao lado do senhor e me apresentou ao Coronel, mas ele não tinha nada de militar, eu acho. Aí ele disse: “Olhe, Coronel, eu vou ler aqui pro senhor um panfletozinho subversivo que esse rapaz lançou agora na Universidade. Muito atrevido. Muito atrevido, esse rapaz”. E eu calado. Aí ele leu o manifesto e perguntou: “O que é que o senhor acha?” Ele [O Coronel] disse: “Muito forte. Muito forte”. Ele disse: “Agora vai acontecer o seguinte: Você vai retirar sua candidatura de vereador, vai fazer uma carta ao reitor se retratando e pedindo desculpas”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Esse cara era o suposto Coronel?

Anchieta Jácome: Genário. E esse Coronel do lado. Aí ele disse: “E você vai fazer essa carta se retratando e pedindo desculpa ao reitor. Você agrediu a Universidade”. Eu disse: “Tudo bem. Ô, reitor, eu não vou fazer essa carta nem retirar minha candidatura. Se o partido me chamar e achar que eu errei por ter usado o programa do partido eu retiro minha candidatura. Agora a carta... O senhor não vai ver essa carta, não”. Ele disse: “Você lembre-se que eu sou reitor e você foi aluno da Universidade. E se você não fizer nada disso, eu tenho o 477 pra você”. Eu disse: “Tudo bem, o senhor fique à vontade já sabendo do que vai acontecer: nem vou retirar minha candidatura nem vou fazer essa tal carta pro senhor”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você não tem a menor ideia de quem era essa figura?

Anchieta Jácome: Nunca vi essa figura. Depois disso nunca mais vi essa figura. Ele [o reitor] o chamava de Coronel. Ele estava à paisana...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Tinha um sotaque não nordestino?

Anchieta Jácome: Tinha um sotaquezinho de pernambucano por perto de cearense... [risos]. Aqui por perto. Aí eu disse: “Mais alguma informação? Mais alguma coisa Senhor reitor?”. Ele disse: “Não”.

Carlos Gomes: Ele lhe chamou na Reitoria?

Anchieta Jácome: Na Reitoria.

[Comentários inaudíveis]

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A gente já sabe aqui pelas informações que você foi... Respondeu um inquérito na Polícia Federal.

Anchieta Jácome: Um inquérito foi aberto aqui e eu respondi na Auditoria Militar do Recife.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ah, pensei que fosse na Polícia Federal aqui...

Anchieta Jácome: Na Polícia Federal eu fui ouvido várias vezes.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E não era alguém da Polícia que estava não?

Anchieta Jácome: Não, não. Se era, não estava.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Se era você não viu depois...

Anchieta Jácome: Não, não. Se era não vi depois.

Carlos Gomes: Então... Você recusou?

Anchieta Jácome: Recusei. Ele disse: “Aguarde que quem vai conversar com você não vai ser mais o reitor não”. Eu disse: “Tudo bem. Meu endereço todo mundo sabe”. Fui embora. Quando foi no outro dia de seis horas da manhã, minha irmã... Eu morava na casa da minha irmã aqui em Natal. Ela acordou apavorada: “Anchieta, tem dois carros da Polícia Federal aí com bem seis homens tocando na cigarra”. Fazer o que, né? Aí cheguei lá...

Anchieta Jácome: Aí eu errei. Eu cheguei gozando com esse povo lá fora: “Vieram buscar Lamarca ou Marighela? Aí estava lá o chefão deles. Ele disse: “Entre!”. Aí abriu a mala... Outra vez: “Entre!”. E já com raiva, né? Me levaram pra lá. Eu cheguei lá era sete e meia, oito horas da manhã. Fiquei sentado numa sala até uma e meia da tarde. Não passava ninguém nem para me oferecer água, não tinha a quem pedir. Quando deu seis horas da noite, três da Polícia Federal, sentado na mesa lá com as máquinas, aí começou o interrogatório. Dizendo que eu tinha sido apoiado pelo Partido Comunista, que eu tinha tido apoio do Partido Comunista, que eu era amigo de François Silvestre, que eu era amigo de Vulpiano Cavalcante, que eu era visto dia de sábado bebendo na casa de Vulpiano Cavalcante pela manhã e que bebia mais Vulpiano Cavalcante em casa escutando música clássica... Um bocado de coisas, né? Eu disse: “Então eu não posso ser amigo de um comunista não? Eu não posso ser amigo de François Silvestre, meu amigo de infância?”. Ele disse: “Não, mas tem mais coisas.” Aí começou... Começaram, começaram... Aí parava tudo. Desapareceram. Quando deu nove da noite... Voltaram de novo. Outras três pessoas diferentes.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Presidente, eu to fazendo essas perguntas para não perdermos o “fio da meada”. Você não era filiado ao Partido Comunista?

Anchieta Jácome: Não. Amigo de Vulpiano e o Partido Comunista eu apoiei na época.

Carlos Gomes: Era o MDB.

Anchieta Jácome: Era o MDB.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você era, provavelmente, o que o próprio partido chamava de “simpa”.

Anchieta Jácome: Simpatizante.

[risos]

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Exatamente, era a gíria. Você era simpatizante.

Anchieta Jácome: Aí...

Carlos Gomes: Ele foi na Polícia Federal?

Anchieta Jácome: Sim, foi onde hoje é o edifício Iberê Ferreira de Sousa hoje, o pai de Iberê. Aí voltaram o interrogatório mais ou menos umas nove da noite e me pegaram: “Você não vai falar, baixinho, mas daqui a pouco você vai lá para o Morro de Mãe Luiza que eu tenho um negócio pra você lá. Aí você fala”. Aí começaram... Ameaçaram, ameaçaram, ameaçaram. Me deixaram na sala do mesmo Sargento:

– Vai dizer as perguntas que a gente fez?

– Eu já respondi. Estão perguntando se eu tive o apoio do Partido Comunista. O que vocês me perguntaram eu confirmei tudo. Estão perguntando se sou amigo de amigo de François? Sou. Amigo de Vulpiano? Sou.

Aí dez da noite eles me voltaram:

– Vá pra casa, mas amanhã esteja aqui. Às seis da manhã.

Eu falei:

– Ih, de seis da manhã quem é que vai me receber? Às seis da manhã tem quem me receba aqui?

– Tem quem lhe receba. Não falta não.

Às seis da manhã eu cheguei lá. Me deixaram na sala de novo até quatro horas da tarde. Isso já no outro dia. Sem café, sem almoço e sem água.

Carlos Gomes: E continuou o interrogatório?

Anchieta Jácome: Continuou o interrogatório. Em resumo: foram oito dias no interrogatório fazendo perguntas e as ameaças crescendo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você nunca foi preso, nunca dormiu lá?

Anchieta Jácome: Dormir não, mas passava o dia lá.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Diarista, você era diarista.

Anchieta Jácome: Diarista, diarista.

José Antônio Spinelli: Você ficou até a noite sem alimentação e sem água?

Anchieta Jácome: Sem alimentação e sem água, não tinha a quem pedir. O dia inteiro. Me deixaram numa sala e trancaram a sala. Fecharam a sala, fecharam a sala.

Carlos Gomes: Aí lhe liberaram nesse dia?

Anchieta Jácome: À noite, liberaram. Nove da noite, dez da noite. Depois ameaçaram me levar pro Morro.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Mas agressão física nunca houve?

Anchieta Jácome: Nenhuma. Agora psicológica... Muito forte. Muito forte.

Carlos Gomes: Quer dizer, você ficou, direto, oito dias assim?

Anchieta Jácome: Oito dias nesse ritmo.

José Antônio Spinelli: Ou seja, durante oito dias você ia lá diariamente. Não ficou lá não, detido não.

Anchieta Jácome: Não. Detido não. Eu ia...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Passava o dia inteiro...

Anchieta Jácome: Era ouvido duas, três vezes, vinham as ameaças...

José Antônio Spinelli: As ameaças se repetiam?

Anchieta Jácome: Repetiam. Constantemente.

Carlos Gomes: Isso tudo até à noite?

Anchieta Jácome: Eu cheguei a sair de lá dez e meia da noite.

Carlos Gomes: Nada de comida?

Anchieta Jácome: Nada. Me botavam numa sala fechada e desapareciam.

José Antônio Spinelli: As perguntas eram sempre as mesmas?

Anchieta Jácome: Não... Perguntavam por mais pessoas.

Carlos Gomes: Queriam nomes...

Anchieta Jácome: Insistindo no apoio do Partido Comunista. Nisso aí eles insistiram muito, muito, insistiam muito. [Inaudível] Eu tive uma treguazinha né? Aí quando chega Alberto Furtado lá em casa: “Anchieta, a coisa complicou. O processo está sendo pronto já e você vai responder na Auditoria Militar do Recife. E vão lhe prender”. Aí eu fiz os contatos aí, né? Vocês entendem bem, os contatos. Saí daqui pra São Paulo. Fiquei dois meses em São Paulo, fui pra Goiânia, fui pro Rio de Janeiro, no apartamento de Zé Rodrigues, você conhece muito bem. Foi perseguido também, né? De lá vim embora.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A essa altura a eleição não tinha havido ainda não?

Anchieta Jácome: Não, já tinha havido eleição. Isso já era uns seis meses depois.

Carlos Gomes: Você candidatou-se?

Anchieta Jácome: Eu me candidatei e fui até o final. Mas eu fiquei fora da campanha um mês e tanto, e perdi com 68 votos. Os estudantes votaram em peso. Mesmo eu afastado. [Inaudível] Aí vim embora pra Natal. Montei um esquema aí com Roberto Furtado e vim embora pra Natal. Quando eu chego, chego em Natal...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você passou seis meses foi, no Sul?

Anchieta Jácome: Uns quatro, cinco meses...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E o processo prosseguiu na Auditoria Militar de Recife?

Anchieta Jácome: E o processo rodando, e o processo rodando. Quando eu cheguei aqui, Roberto disse: “Vão lhe prender. Vão lhe prender porque prenderam Atual – era

um militante do Partido Comunista – e Atual apanhou na base do cacete, da tortura e confessou o partido que ele apoiava”. Fazer o quê? Tá dito, eu vou dizer que não? Aí eu procuro Herôncio Queiroz, você conhece muito bem. Irmão de Geraldo Queiroz: “Herôncio, a situação é essa. Nisso eu tava escondido na casa de... Foi diretor do teatro universitário, Carlos Furtado. De manhã ele saía com a esposa para trabalhar, com Selma e eu ficava sozinho. Casinha pequena... Uns oito dias não aguentei, Carlos vinha de madrugada, umas quatro horas da manhã, me deixava em Cotovelo. Eu ficava o dia todinho embaixo de umas pedras, ficava o dia todo. Seis e meia o carro dava sinal de luz, eu subia, também não aguentei mais de quinze dias, digo: “eu vou me entregar Roberto e ver no que vai dar”. Aí Herôncio Queiroz me procurou:

– Anchieta, Ney Lopes é muito meu amigo e é Secretário de Justiça do Governo, quer que eu converse com ele pra ele ter uma conversa com o delegado da Polícia Federal? Disse:

– Rapaz, eu quero tudo nessa hora [Inaudível], sim, isso no último dia que eu tava lá nessa mesma sala chegou um rapaz, ele encostou, deprimido, acabado. Não tem muito a ver com o depoimento, mas aí pra menina que estava lá, uma mocinha, uma coisa ou outra: “Esse rapaz é preso político?”. Ela não respondeu... saiu... [Inaudível] aí do que ela saiu, eu fui nele: “Você é preso político?”. Ele olhou pra mim, olhou pra um lado, olhou pro outro e disse:

– Sou.

– E como é que está o tratamento?

– Três dias de tortura, choque nos testículos, de tudo fizeram comigo [Inaudível] em determinado momento eles botavam na minha orelha tipo “pregador de rede” e ligavam a tomada na energia, então dava um choque na minha cabeça, enlouquecia, a minha cabeça explodia. [Inaudível]

Ele chegou a me dizer que teve uma noite que deveram mais de cinco minutos de choque na cabeça dele...

Carlos Gomes: Foi aqui em Natal?

Anchieta Jácome: Foi em Natal.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ele é paraibano?

Anchieta Jácome: Paraibano. João Pessoa.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É estudante?

Anchieta Jácome: Não entrei em detalhes.

José Antônio Spinelli: O nome dele?

Anchieta Jácome: Não perguntei, não perguntei. Que nessa hora... nessa hora não, nessa época não é bom ... E ele também não ia dizer o nome verdadeiro dele, né? (risos) se perguntasse o meu dizia que era “Griga”...

Aí eu saí de lá, deixei ele sentado na cadeira. Ele disse: “Vou me matar, viu?” [Inaudível] tenho certeza que não falei nada. Pronto, desapareceu nunca mais esse rapaz. Só pra mostrar como era o tratamento dado na prisão. Aí Gerôncio foi falar com Ney Lopes, Ney Lopes disse: “Vamo’ falar com o delegado amanhã”. Peguei Ney Lopes, estava dando aula na Faculdade de Educação, que é era a Câmara Municipal hoje. E vamos pra lá, Ney calado. Quando chegou lá, ele disse: “Anchieta, você não vai subir comigo não, você fica fora que eu vou falar com o homem lá”. Aí Ney foi. De duas horas Ney voltou, disse: “O homem aceita você ficar solto. Não saia de casa pra canto nenhum”. Tipo uma prisão domiciliar. “Fique em casa porque ele não está querendo lhe perdoar, não. Porque Genário quer a todo instante que você seja condenado porque ele quer aplicar o 477 em você”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A essa altura você já tinha perdido o ano?

Anchieta Jácome: Já tinha perdido o ano. Já tinha perdido o ano. Aí em fiquei em casa, melhor que outros momentos, né? [risos]. Aí em seguida, o julgamento, eu fui pra Recife. Roberto Furtado foi meu advogado, eu quero aqui fazer um elogio a Roberto Furtado.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quando você voltou, você chegou a ir à auditoria e...

Anchieta Jácome: Eu fui à auditoria cinco vezes. Marcava audiência na auditoria. Eu ia, chegava lá e diziam: “não, foi adiado”.

Carlos Gomes: Tudo em Recife?

Anchieta Jácome: Recife! Eu ia pra Recife eu e Roberto pra hotel, viagem e foi adiado.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É, mas isso não é só nas ditaduras não.

[Risos]

Anchieta Jácome: Roberto Furtado foi um amigo, um advogado um militante que não me deixou hora nenhuma sozinho. Eu como estudante, Roberto pagava as minhas viagens às vezes, hospedagens, tudo. Despesa de tudo, de tudo, ele chegava e não deixava que eu participasse de nada. Até doutora Mércia de Recife, ele chegou pra Mércia: “Olhe, ele tem alguma condiçãozinha de pagar alguma coisa e você.” Aí doutora Mércia: “Eu noto que ele é seu amigo e seu irmão, não quero nenhum tostão dele.” [Inaudível]

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Esse é um dos muitos depoimentos que pessoas com relação a Roberto...

Anchieta Jácome: Roberto foi de uma... Sei lá. [Inaudível]

Julgamento. Cinco oficiais da Aeronáutica. Quando terminou, doutora Mércia: “caia fora daqui que eu estou notando muita cara feia pra você aí”. Que na época quem ia pra Aeronáutica estava “frito”. Era pesado em Recife. Aí eu saí, eles se descuidaram, eu pulei fora. Fui absolvido por três a dois. Eles recorreram e eu ganhei em Brasília. Eu tenho a nota do jornal, tenho a certidão. Agora eu queria mostrar aqui pra vocês um gesto que eu achei muito importante, eu era aluno da Faculdade de Educação, e na época quente, quem prende não prende, Genário louco pra pegar, eu fui a doutor Marcos Cunha de Azevedo: “Doutor Marcos, a situação é essa: o senhor da pra juntar ao processo um atestado de idoneidade moral?” [Inaudível]. Doutor Ivis...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: *Atestado de Idoneidade Moral: Atesto para os devidos fins e efeitos legais que José de Anchieta Jácome é aluno desta Faculdade de Educação, matriculado no 1º semestre do corrente ano letivo nas disciplinas: Educação de adulto, Psicologia social e Noções de economia da educação*

do Curso de Pedagogia. Nada Constando que desabone sua conduta moral e cívica. Marcos Cunha de Azevedo. 13 de março de 73. Quero dizer a você que... [Inaudível]

Anchieta Jácome: Isso o reitor em cima, viu?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quer que leia a certidão, não?

Anchieta Jácome: Pode ser.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A certidão da auditoria. [Inaudível] *certifica que em virtude do requerimento do interessado, respondeu nessa auditoria um processo 2973, foi denunciado em 29 de março de 1973, no Artigo 45, tendo sido absolvido pelo CPJ de julgamento da Aeronáutica em data de 26 de abril de 1974, com fundamento na alínea b. Os autos foram remetidos ao STM em grau de apelação do ministério público militar em 12 de junho de 1975, o STM comunicou que por unanimidade negou provimento do apelo do ministério público militar pra confirmar se [inaudível], transitado em julgado em 27 de outubro de 1975. [Inaudível]*

Anchieta Jácome: Agora, eu quero, eu quero aqui que o MDB na época me deu as costas. [Inaudível] “Henrique, queremos o seguinte: que alguém do MDB vá pra o julgamento [inaudível]”. Prometeram, não apareceu ninguém do MDB [Inaudível] não foi ninguém, não foi ninguém. Você pode ler o manifesto?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: [leitura do manifesto inaudível]. Na realidade, você talvez fosse até criticado por ter um manifesto tão... [risos]. Genário queria me pegar a qualquer custo. [Inaudível]

Almir Bueno: Professor Carlos? Posso?

Carlos Gomes: Pois não, Almir.

Almir Bueno: Professor Almir Bueno, Membro da Comissão aqui da UFRN. Eu gostaria que o senhor dissesse alguma coisa, não sei se teria condições, mais a respeito no período enquanto que o senhor esteve como estudante, né? Informações sobre a ASI, Assessoria de Segurança e Interna da Universidade?

Anchieta Jácome: Não. Eu não tenho muita coisa a falar sobre isso não, sabe? Porque eu era da Universidade, mas minha militância era assim muito voltada pra esquerda [inaudível] entendeu?

Almir Bueno: Mas sabia da existência?

Anchieta Jácome: Ah, todo mundo sabia! Eu comecei a distribuir os panfletos como falei, sete e meia da manhã, às oito horas já tava o telefone na Reitoria porque já tinha gente lá dentro. Sim, quando eu chego à Polícia Federal, com quem eu me deparo? Com um colega de classe da Faculdade. Era da Polícia Federal e ninguém sabia. Colega de classe...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Era funcionário? Policial?

Anchieta Jácome: Policial. Policial. Chegou pro interrogatório. Me fez algumas perguntas.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você não lembra o nome não? Só por curiosidade.

Anchieta Jácome: Arimatéia. Tá aposentado.

Carlos Gomes: Mas ele fez alguma acusação contra?

Anchieta Jácome: Fez duas ou três perguntas boas. E eu o tratava muito bem na faculdade. Era amigo de todos eles. Brincava muito com ele, agora não sabia de nada...

Carlos Gomes: Você tem ideia de quem informou que você ia panfletar?

Anchieta Jácome: Não. Fui visto na hora. Fui visto na hora.

Carlos Gomes: Mas sabiam tudo de você, rapaz?

Anchieta Jácome: Tudo, tudo, tudo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Respondendo aqui a Almir, ele não precisou da ASI não porque Genário foi diretamente...

[risos]

Carlos Gomes: Ele era do MDB, MDB é o horror de tudo, MDB era do inferno...

Anchieta Jácome: No duro, no duro nessa hora eu tava no PCBR e eles sabiam, sabiam tudo, minha vida toda. Só não tinha prova. Me perguntava, eu negava, claro. Pelas perguntas que eles faziam, eu via que eles estavam sabendo de tudo. Olhe, fez política dentro da Universidade naquela época, era monitorado, toda hora.

Carlos Gomes: Mas você não se lembra assim dos agentes, as pessoas?

Anchieta Jácome: Tinha bem 200. [Inaudível]

Carlos Gomes: Mas uma pessoa que rondava lá na Faculdade de Educação?

Anchieta Jácome: Tinha de tudo, tinha de tudo.

Carlos Gomes: Me diga uma coisa, você terminou, você concluiu a sua faculdade quando?

Anchieta Jácome: [não recorda] perdi um ano e meio. [Inaudível]

Carlos Gomes: Já foi no começo de 70. [Inaudível] Muito bem, perguntas? Satisfeitos?

[Inaudível]

Carlos Gomes: Depois disso, Anchieta, depois que você foi absolvido não lhe molestaram mais?

Anchieta Jácome: Não...

Carlos Gomes: Você precisou da Lei da Anistia?

Anchieta Jácome: Não...

Carlos Gomes: Também não pleiteou nenhuma indenização?

Anchieta Jácome: Ainda não, mas vou pleitear. Vou pleitear. Estou até com o telefone da advogada de Recife que vai tomar conta disso...

Carlos Gomes: Bom, ninguém tem mais nenhuma pergunta, né? [Inaudível] Bom, me resta agradecer e dizer que se por acaso você descobrir mais alguma coisa interessante que você não se lembrou agora e que por acaso, se você quiser enviar aqui pra Comissão, é muito importante. Como Roberto, o depoimento de Roberto foi curto, mas muito rico. [Inaudível] Pois muito bem, pois nós agradecemos a sua participação, você

pode ficar à vontade aí... E aí nós vamos passar para... Na relação, José Willington Germano.